

2ª PARTE

ESTUDOS

IRACEMA, UMA FICÇÃO FUNDADORA

Lúcio Alcântara

Louvo o Padre, louvo o Filho
E louvo o Espírito Santo.
Idem louvo, exalto e canto
O prosador, grande filho
Do norte, e que no deserto
Do romance nacional
Ergueu, escoreito e diserto,
Seu mundo, – um mundo imortal.

Louvado do Centenário de Iracema
Manuel Bandeira

A IDENTIDADE CULTURAL DE UM POVO

Os países da América Latina que se tornaram independentes no século XIX forjaram a nacionalidade, embalados na literatura feita de ficções que reescreveram a história, ao romancearem a realidade. A emancipação política foi acompanhada da construção de referências literárias, marcos da identidade cultural de cada povo. No Brasil, isso aconteceu graças ao talento criador de José de Alencar, que adaptou o romance medieval europeu à nossa realidade, na busca de autonomia cultural, ao fundar com o indianismo um estilo brasileiro, no conteúdo e na linguagem, para se contrapor ao cânone lusitano vigente na colônia. Antes de José de Alencar, o francês Ferdinand Denis (1796-1890), o chileno naturalizado brasileiro Santiago Nunes Ribeiro (*-1847) com seus textos prodrômicos, *Resumo da história literária do Brasil* -1826, *Da Nacionalidade da Literatura Brasileira*-1843, respectivamente e, em 1856, Domingos José Gonçalves de Magalhães

(1811-1882), na *Confederação dos Tamoios*, abordaram a temática indianista sem conseguirem, todavia, alcançar a repercussão lograda pelo escritor cearense. Os dois estrangeiros realçaram a importância da natureza como substrato essencial à criação de uma literatura nacional, possíveis influências nas escolhas estéticas alencarinas. Ao encomendar a Gonçalves de Magalhães o poema, o imperador Dom Pedro II, atento ao liame existente entre literatura e história, tinha em mente, através daquela obra, contribuir para a unicidade cultural do país recém-emancipado. Ao fundar e prestigiar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e patrocinar o livro de Gonçalves de Magalhães, o imperador visava construir a identidade nacional, como uma continuidade europeia, que evitasse reproduzir aqui a desordem e o esfacelamento do domínio espanhol na América Latina em múltiplos países.

As notícias criavam muita expectativa em torno do livro que o autor escrevia, enquanto cumpria missão diplomática na Europa. Lançado, foi recebido com reserva, alvo de impiedosa crítica por parte de Alencar. Este, redator-gerente do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, publicou ali uma série de oito textos (Agosto-1856) sob o pseudônimo de Ig, posteriormente reunidos em livro sob sua chancela. Segundo esclareceu, Ig seriam as iniciais de Iguassu, a heroína do poema, recurso utilizado para ocultar sua identidade, um artifício que evitasse a sobreposição do autor ao argumento. A contenda revelou o polemista que anos depois iria confrontar Joaquim Nabuco e até Dom Pedro II nas *Cartas de Erasmo*. Nos reparos que fez sobre a *Confederação dos Tamoios*, o escritor concentrou-se em aspectos estéticos e retóricos da obra, deplorando sua conformação épica, por julgar a epopeia formato inadequado para alcançar os objetivos a que se propunha. Para ele, “a forma com que Homero cantou os gregos não serve para cantar os índios”. Carecia um canto novo capaz de captar

as especificidades do Brasil e a “experiência histórica no tempo e no espaço”, a exuberância da natureza, as tradições e costumes indígenas, a idealização heroica dos índios, bondade natural, abordagens a seu ver ausentes do poema o qual não estaria à altura do assunto, padecendo de falta de arte em suas descrições. Em socorro do poeta, diante da contundência das críticas, levantaram-se seus defensores, Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879) e Frei Francisco Mont’Alverne (1794-1858), manifestando-se pela imprensa sob o título *O amigo do poeta* e, o próprio monarca, com o rótulo *Outro amigo do poeta*. Sem conseguir transpor suas ideias para o prometido poema *Filhos de Tupã*, iria confirmá-las, como resposta definitiva aos ataques sofridos, ao publicar o romance *O Guarani* (1857), inicialmente em folhetim, primeiro de sua tríade indianista.

Ao confiar a execução de seu projeto literário nacionalista, Dom Pedro II escolheu prestigiado literato, líder incontestado nessa área, espécie de “chefe da literatura nacional”. Espírito modernizador, introduziu junto com Porto-Alegre e Francisco de Sales Torres-Homem (1794-1858) o romantismo no Brasil, ao fundarem a revista *Nitheroy Brasiliense* (1836), grupo consolidado mais tarde, na sequência das congêneres *Minerva Brasiliense* (1846) e *Guanabara* (1849). Médico de formação, mas sobretudo diplomata, Gonçalves de Magalhães era conservador na política, adepto da ordem institucional configurada no projeto imperial e, ao mesmo tempo, inovador na literatura. Ao transplantar o romantismo europeu, marcado pelos “ideais libertários e a rebeldia do artista em relação à ordem vigente”¹, para o ambiente tropical, foi incapaz de adaptá-lo às peculiaridades locais, motivo da rejeição à sua composição poética. Enquanto isso, José de Alencar introduziu musicalidade na prosa, derramada em excessos líricos; poetizou o índio; elevou a natureza exuberante à

1 Pereira, Elvia Shirley Ribeiro. Um fabulador da nacionalidade, José de Alencar. p.97

condição de personagem, a maior inspiradora; deixou à solta sua poderosa imaginação, a qual pairou acima dos fatos, narrativa que assinalou a ruptura com o padrão literário e linguístico da antiga metrópole. A transfiguração romântica foi a opção abraçada com o propósito de criar um novo estilo sem desconhecer documentos históricos que compulsou desde quando estudante de Direito em Olinda. Enquanto os românticos europeus ofereciam o cenário da natureza para estimular a autorreflexão, ele a considerava como obra divina cuja contemplação extasiada aproximava o homem de Deus. Em sua afoiteza, instaurou a segunda geração romântica ao lado de Gonçalves Dias e outros protagonistas. Assim, opunha-se ao romantismo que privilegiava os fatos, de cunho moralizante, voltado para “louvar as virtudes e deplorar os vícios”, adotado por Magalhães. Ao pesquisar sobre a atuação de intelectuais católicos no Brasil, nas décadas de 20 a 40, deparei-me com uma citação de Henri Louis Bergson (1859-1941) que ajuda a explicar como o amor do romancista à terra natal colaborou para criar o Brasil por escrito, mediante seus textos melodiosos. A esse sentimento, capaz de produzir um “trabalho especial do pensamento” que eleve o homem espiritualmente até Deus, o filósofo francês denominou *intuição*². Assim se expressou: “Qualquer um que se dedique à composição literária poderá comprovar a diferença entre uma inteligência abandonada a si mesma e uma que, vivificada pelo fogo da emoção, nascida de uma relação entre o autor e o assunto de que trata, é uma *intuição*”³.

2 intuição: conhecimento imediato de um objeto na plenitude de sua realidade seja este objeto de ordem espiritual ou material. Novo Aurelio Século XXI, Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 3ª edição, 1999

3 Rodrigues, Cândido Moreira. A Ordem, uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte, Autêntica/Fapesp. 2005. pp 95, 96

“Iracema. Lenda do Ceará” – uma alegoria fundadora para todo o Brasil Doris Sommer, pesquisadora americana, ao se debruçar sobre a literatura da América Latina criou o conceito original de *ficção fundadora* a partir de romances publicados em diversos países da região no século XIX e início do XX. A imaginação criativa em simbiose com a realidade dos fatos formula com feição romântica a proposta nacionalista, alicerce das nações emergentes. A fundamentação da ideia, o levantamento das obras por país, a análise de cada uma de “per si” integram o conteúdo do livro de sua lavra, *Ficcional Foundations – The National Romances of Latin America*. Nessas novelas, destituídas de profundidade filosófica, os objetivos políticos de interesse público são alcançados através do amor, de paixões privadas, sem distinguir entre a “ética política e os sentimentos eróticos, o nacionalismo épico e a sensibilidade íntima”. Narrativas das vicissitudes de casais atraídos e ao mesmo tempo separados pelas distâncias físicas e sociais. Vide Ceci e Peri; Iracema e Martim, símbolos revezados na atribuição de gênero aos filhos da terra. A partir dessas alegorias e sua larga ressonância popular se construíam as identidades das novas nações. Menciono a seguir, a título de exemplo, algumas dessas obras, respectivos autores e países de origem:

Cuba – *Sab* (1841) Gertrudis Gómez de Avellaneda

Argentina – *Amalia* (1851) José Marmol; *Martin Fierro* (1872) José Hernandez

Colômbia – *María* (1867) Jorge Isaacs

Uruguai – *Cumandá* (1879) Juan León Mera; *Tabaré* (1888) Juan Zorilla de San Martín; *Ariel* (1900) José Enrique Rodó

República Dominicana – *Enriquillo* (1882) Manuel de Jesús Galván

México – *El Zarco* (1901) Ignacio Altamirano

No Brasil foram selecionados dois livros: *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865) as quais segundo a professora competem entre si como duas faces da ficção fundadora da literatura nacional. José Aderaldo Castelo alertou para o fato de que a cronologia dos três romances indianistas de Alencar, *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874) não guarda consonância com os períodos históricos nos quais se desenrolam as respectivas tramas⁴. *Ubirajara*, o único onde não aparece o colonizador, cuida da época pré-cabralina; *Iracema*, da colônia e *O Guarani* do tempo dos grandes senhores de terra, mais próximo do escritor. *Iracema*, deles o mais popular, nutrido de sensibilidade que tocou a alma das pessoas; a “súmula poética” dos outros dois romances, condensa os valores da trilogia envolvidos nas reminiscências nostálgicas do torrão natal. A descrição extasiada da natureza, a musicalidade do texto impregnado de nativismo, o emprego abundante de expressões indígenas e a originalidade idiomática, fizeram do enredo lendário de *Iracema* uma alegoria que fundava um povo dando os primeiros passos rumo ao futuro de um Brasil liberto.

Sem ser épico, este “poema em prosa” trilhou caminhos românticos ao celebrar o encontro de duas raças unidas pelo amor, matriz de uma pátria nova, brotada da paixão nacionalista. A aproximação idílica entre Iracema e Martim é a representação do espírito conciliador e cordial, tido como um traço histórico, verdadeiro apanágio da civilização brasileira. A assimilação de Martim pelos autóctones é a mensagem sociológica da forma como acolhemos o que é estranho, o que vem de fora. A imagem de Moacir como fruto dessa união é a confirmação da “mestiçagem amorosa” e do hibridismo de culturas como valores típicos de uma sociedade que nascia, da raça nova que surgia da pena formadora de brasileiros.

4 Pereira, Elvya Shirley Ribeiro. Um Fabulador da Nacionalidade – José de Alencar. p.110

“IRACEMA” – 140 ANOS, EM 2005: PALÁCIO, LIVRO E ESTÁTUA

A larga popularidade alcançada pelo autor e sua obra confirmaram a previsão de Machado de Assis de que o livro haveria de durar. Ao permanecer, instituiu-se de forma natural como um ícone da nação, uma vaga que batizou cidades e mulheres, produtos industriais e casas de comércio; incorporou ao cotidiano metáforas textuais que fizeram dos “verdes mares” sinônimo de Ceará. Inspirado nessas réplicas do original patrocinei a edição de *IRACEMAS*, belo apanhado crítico e iconográfico dessa musa ameríndia. Desde seu aparecimento, em 1865, sucederam-se muitas edições, inclusive em outros idiomas. Há uma, rara, em latim, de Belém do Pará, bizzarria explicada pelos autores como forma de atrair seus alunos para o estudo daquela língua. O sopro inovador lançado por Alencar sobre as letras da ex-colônia o entronizou, por mérito e não pela cronologia, como patriarca do romance brasileiro que deu cores auriverdes à língua portuguesa.

Quando era governador do Ceará, transcorreram 140 anos da primeira edição de *Iracema, Lenda do Ceará*. Servi-me da data para executar ações evocadoras do mito que germinou em nosso solo, segundo palavras do próprio escritor, saído da alma de um filho ausente. Entre outras iniciativas, destinadas a revigorar em nosso povo o sentimento de apego à terra e o orgulho de pertencê-la, como alavancas espirituais de promoção do desenvolvimento, denominei de “Palácio Iracema” a sede do Governo. Ali, mandei edificar nos jardins uma estátua monumental da sedutora índia - autoria do artista Zanzanzan: uma Iracema revestida de cristais a brilharem ao sol dos trópicos; poderosa metáfora da aura luminosa que envolve a primeira mãe de nossa gente.

CONCLUSÃO

A consagração de José de Alencar como “representante máximo do romantismo brasileiro”⁵ não se deu sem contestações, em vida e póstumas, todavia sem o removerem do pedestal da glória a que fora alçado. Objeções concentradas mormente na inverossimilhança das narrativas poetizadas ao extremo e da liberdade com que manejou a língua portuguesa. De sua época ressaltam como mais consistentes as de Franklin Távora, seu conterrâneo, e as de Joaquim Nabuco com quem entreteve notável disputa. Távora, ao dirigir a partir de Recife as *Cartas de Semprônio a Cincinato*, pseudônimo de Feliciano de Castilho, adversário de Alencar a serviço do imperador, adicionou ao que era uma querela política a componente literária. Devido à dupla militância era atacado por opositores e desafetos pelos dois flancos: puniam o deputado ao criticar o escritor, atingiam o romancista para ofender o político. O fel da política, as frustrações da carreira e o amargor do ostracismo intelectual tornaram sua alma, em definitivo, um escaninho de desencanto e ressentimento. Em dois textos, *Carta ao Dr. Jaguaribe* (Agosto-1865) e *Como e Porque Fui Romancista* (1873), valiosas autobiografias literárias, o autor reconhece defeitos, num exercício de autocrítica, quando *Iracema* já havia ido à estampa; no segundo, menciona as influências hauridas das leituras de Fenimore Cooper, Walter Scott, Chateaubriand e outros, mas ao recusar o plágio afirma ter sido a natureza sua única mestra. Quanto às restrições sobre a linguagem empregada vindas de defensores da ortodoxia vernacular as refutou ao argumentar que sua construção seria obra do amálgama de raças no solo brasileiro; para ele “todos os povos de gênio musical possuem uma língua sonora e abundante”. Gladstone Chaves de Melo (1917-2001), renomado filólogo, considera em percucientes estudos sua contribuição

5 Alencar, José de. *Iracema* (Lenda do Ceará). Edição Comemorativa do Centenário. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará. 1965. p.28

para o enriquecimento da língua portuguesa e reputa “*Iracema* como a obra mais alencariana de Alencar, sua obra prima.” Cândido Jucá Filho, outro respeitado gramático, em minucioso estudo apontou no mesmo livro “raros senões que caracterizam toda feitura humana”⁶. Conclui, por invocar Rui Barbosa para quem “as variantes dialetais de aquém e além-mar opulentam, mas não destroem, nem substituem”.

De algum modo, devemos a Gonçalves de Magalhães o prefácio do novo, mas foi Alencar quem escreveu os livros fundadores da nacionalidade. A libertação política chegou-nos pelas mãos de D. Pedro I, intérprete de suas circunstâncias; a emancipação da literatura e língua nacionais coube a José de Alencar, erigido, com justiça, à condição de pai do romance brasileiro.



6 Alencar, José de. *Iracema 1865 Lenda do Ceará-1965*. Edição do Centenário. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro pp. 333-402

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4642>>. Acesso em 15 set. 2020.

_____. *Como e porque sou romancista*. Campinas, SP: Pontes, 1990. 76p.

_____. *Iracema: lenda do Ceará*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1870. 260 p.

_____. *Iracema: lenda do Ceará 1865-1965: edição do centenário*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965. 424 p.

_____. *Iracema: (lenda do Ceará); edição comemorativa do centenário*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965. 220 p.

_____. *Sonhos d'ouro: romance brasileiro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951. 403 p.

CEARÁ. Governo do Estado. *Iracemas: imagens de uma lenda*. Ed. comemorativa dos 140 anos de publicação do romance “Iracema” de José de Alencar. Fortaleza: Gabinete do Governador, 2006.. 196 p.

CRISTINA, Ferreira; THIAGO, Lenz. Nature and indigenous in the poem a Confederação dos Tamoios: the fictional history in the romantic Brazil of Magalhães and Alencar. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-46332019000300202&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 15 set. 2020.

LEMOS, Ana Cátia Silva de. *Criando uma literatura nacional: a participação estrangeira e seus reflexos na crítica de José de Alencar*. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23200> >. Acesso em: 25 set. 2020.

PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. *Um Fabulador da nacionalidade José de Alencar*. Disponível em: < http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/14/um_fabulador_da_nacionalidade_jose_de_alencar>. Acesso em: 15 set. 2020.

POLÊMICA sobre a Confederação dos Tamoios. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5282/polemica-sobre-a-confederacao-dos-tamoios-jose-de-alencar-x-goncalves-de-magalhaes>>. Acesso em: 01 set. 2020.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005. 232p.

SOMMER, Doris. *Foundational fictions: the national romances of Latin America*. Los Angeles: University of California Press, 1991. 418 p. (Latin American Literature and Culture, 8)

SOBRE a crítica a Gonçalves de Magalhães (3...): em busca de uma forma histórica para a literatura brasileira em formação. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11351/11351_4> Acesso em: 15 set. 2020.